

**Projeto de Jornalismo
Especializado 2024B**

JORNALISMO *em* PRIMEIRA PESSOA

Organizadora
Renata Lohmann

Revisores
Flávio Meurer
Lúcio Filho
Marcus Staudt



Renata Lohmann
(Organizadora)

Jornalismo em primeira pessoa

1ª edição



EDITORA
UNIVATES

Lajeado/RS, 2025



Universidade do Vale do Taquari - Univates

Reitora: Profa. Ma. Evania Schneider

Vice-Reitora: Profa. Dra. Cíntia Agostini

Pró-Reitor de Ensino e Extensão: Prof. Dr. Tiago Weizenmann

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Luis Fernando Saraiva Macedo Timmers



EDITORA
UNIVATES

Editora Univates

Coordenação: Vagner Zarpellon

Editoração: Marlon Alceu Cristófoli

Capa: Enter - Estúdio Experimental de Comunicação e Design

Avelino Talini, 171 – Bairro Universitário – Lajeado – RS, Brasil

Fone: (51) 3714-7024 / Fone: (51) 3714-7000, R.: 5984

editora@univates.br / <http://www.univates.br/editora>

J82

Jornalismo em primeira pessoa [recurso eletrônico] / Renata Lohmann (org.) – Lajeado : Editora Univates, 2025.

Disponível em: www.univates.br/editora-univates/publicacao/459
ISBN 978-85-8167-354-7

1. Jornalismo. 2. Jornalismo esportivo. 3. Entrevista. 4. Ensino superior. I. Lohmann, Renata. II. Título.

CDU: 070:796

Catálogo na publicação (CIP) – Biblioteca Univates
Bibliotecária Gigliola Casagrande – CRB 10/2798



As opiniões e os conceitos emitidos, bem como a exatidão, adequação e procedência das citações e referências, são de exclusiva responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a visão da Editora Univates e da Univates.

Introdução

A disciplina “Projeto de Jornalismo Especializado” sempre se apresenta como um grande desafio, tanto para os estudantes quanto para mim, enquanto professora. Como abordar áreas tão distintas e complexas do jornalismo quando minha experiência profissional é limitada a algumas editorias? Nunca atuei como jornalista esportiva, por exemplo, nem tenho conhecimento profundo das especificidades do jornalismo rural. Isso me levou a refletir: como poderia orientar os estudantes em um campo tão vasto e especializado?

Ao invés de me fiar apenas no conhecimento teórico, decidi propor uma abordagem diferente. Propus aos alunos que convidássemos jornalistas experientes, de diversas editorias, para compartilhar suas trajetórias profissionais e falar sobre as particularidades de cada área. O objetivo era proporcionar aos estudantes uma visão prática e rica sobre o dia a dia da profissão. Eles poderiam explorar as escolhas, motivações e desafios desses jornalistas, aprofundando-se nas histórias que muitas vezes ficam fora do alcance das salas de aula.

Mas eu queria ir além. Decidi, inspirada no formato do programa Roda Viva, que os estudantes não apenas escutariam essas histórias, mas também as protagonizariam. Cada dupla de alunos ficava responsável por convidar e conduzir a entrevista com os jornalistas que os inspiravam. Durante essas conversas, os colegas de classe tinham a oportunidade de intervir, fazer perguntas e debater, criando um ambiente de aprendizado dinâmico e colaborativo. O intuito era ampliar os horizontes dos estudantes, incentivando-os a se interessarem por áreas do jornalismo que ainda não conheciam e, quem sabe, abrir novos caminhos para suas futuras carreiras.

Para dar ainda mais profundidade ao trabalho, a proposta era que as duplas produzissem um perfil jornalístico a partir dessas entrevistas. O perfil — um dos formatos do gênero interpretativo — é frequentemente desafiador de ser trabalhado em sala de aula, pois exige não só técnica, mas também experiência e fôlego de texto. Dessa forma, os estudantes não apenas aplicaram o que aprenderam, mas também desenvolveram habilidades fundamentais para um jornalista especializado.

O resultado deste trabalho são os 14 perfis que compõem este livro, fruto do semestre 2024B na Universidade do Vale do Taquari (Univates). Cada um desses perfis reflete as experiências, histórias e perspectivas de jornalistas que atuam nas mais diversas editorias. Espero que a leitura de cada relato inspire e provoque uma reflexão sobre as múltiplas possibilidades do jornalismo e sobre os caminhos que os estudantes de jornalismo podem trilhar.

Boa leitura!

Renata Lohmann

SUMÁRIO

1. Humberto Trezzi	7
A jornada de um jornalista que não tem medo de ir onde a maioria não vai	
<i>Por Maiara Rovea e Paulo Emerson Cardoso Da Silva</i>	
2. Heloíse Bordin.....	10
Uma craque atrás do microfone	
<i>Da cidade pequena à capital, a jovem jornalista que se destaca no esporte</i>	
<i>Por Eduarda Lima Severo e Yasmin Bueno Bonatto</i>	
3. Elizângela Maliszewski	12
A voz feminina do jornalismo rural	
<i>Desde a infância, ela esteve conectada com a vida no campo</i>	
<i>Por Argel de Souza Leite e Mariele Agostini</i>	
4. Veridiana Röhsler.....	14
Um mergulho no sentir: a melhor onda é sempre a soprada pelo vento do coração	
<i>Relato íntimo de uma jornada de autodescoberta pelas marés da vida de Veridiana Röhsler, narrada pela vela estrutural de seu barco: sua sensibilidade</i>	
<i>Por Henrique Vendramin Pittol e Jordana de Azevedo e Silva</i>	
5. Maria Eduarda Pazinni.....	21
De atleta a jornalista esportiva	
<i>A indecisão após a conclusão da escola, instante que marca a vida da grande parte dos jovens que ainda não possuem certeza sobre o seu futuro profissional. Momento decisivo na vida da jornalista da TV Papo, Maria Eduarda Panizzi</i>	
<i>Por Laura Alexandre Correa e Yasmin Rodrigues</i>	
6. Gabriela Hautrive.....	24
Sem script	
<i>A trajetória de uma jovem que teve a coragem de mergulhar no inesperado dia a dia do jornalismo</i>	
<i>Por Eduarda Lima Severo e Yasmin Bueno Bonatto</i>	
7. Luiz Antônio Araújo.....	26
O desenho e as cores da comunicação internacional	
<i>A trajetória de um jornalista que desenhou através de seus textos grandes acontecimentos do mundo</i>	
<i>Por Louise Tasca e Mariele Agostini</i>	
8. Pedro Corrêa.....	29
A conexão com a cultura de Pedro Corrêa	
<i>Uma paixão enraizada pela cultura e um olhar aguçado para as histórias</i>	
<i>Por Argel de Souza Leite e Vinícius Lazzarotto</i>	

9. Fernando Becker	31
Dentro e fora das quatro linhas: a trajetória de Fernando Becker no jornalismo esportivo	
<i>Uma jornada movida pela paixão pelo esporte e pelo desejo de contar histórias que emocionam</i>	
<i>Por Louíse Ferrari Tasca e Vinícius Lazzarotto</i>	
10. Lucas Abati.....	34
Das arquibancadas a agente infiltrado: trajetórias que só o jornalismo desenha	
<i>Por Maiara Rovea e Paulo Emerson Cardoso Da Silva</i>	
11. Lucas Wendt	37
Transformando Ciência em notícia: O Perfil Jornalístico de Lucas Wendt	
<i>O jornalista que encontrou no seu trabalho um modo de aproximar a sua paixão pela pesquisa</i>	
<i>Por Laura Alexandre Correa e Yasmin Rodrigues</i>	
12. Fábio Alex Kuhn.....	39
“Encontro inesperado com minha essência”	
<i>Por Anderson Zenon de Bastos Barboza e Debora Luisa Longhi</i>	
13. Cícero Copello	42
“Se eu puder botar o dedo em uma ferida, eu boto mesmo”	
<i>Por Anderson Zenon de Bastos Barboza e Debora Luisa Longhi</i>	
14. Lidiane Mallmann.....	44
Uma jornada do jornalismo local ao reconhecimento internacional	
<i>De Lajeado até a Espanha, fotojornalista do Vale retrata histórias e cenários plurais</i>	
<i>Por Camila Merlo</i>	

1. Humberto Trezzi

A jornada de um jornalista que não tem medo de ir onde a maioria não vai

Por Maiara Rovea e Paulo Emerson Cardoso Da Silva

Conseguir se aposentar é o sonho da maioria dos trabalhadores brasileiros, que inclusive estão dispostos a tudo para receber o benefício do governo federal, até mesmo, comprar um lugar para ser atendido. A fila do INSS da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, nunca mais foi a mesma desde 1984, quando uma matéria jornalística revelou um esquema de compra e venda de lugares por pessoas da comunidade. No semanário “O Repórter”, de Guaíba, nascia uma das primeiras produções investigativas de Humberto Muzell Trezzi.

Nascido em Passo Fundo, em 20 de novembro de 1962, tinha apenas vinte e poucos anos quando decidiu que para ser um bom jornalista deveria estar onde ninguém mais se arriscaria. E foi seguindo esse pensamento que se dedicou a uma investigação de seitas em igrejas como trabalho de conclusão do curso de jornalismo. Se infiltrou, usou câmera escondida e criou uma narrativa em cima de tudo que tinha percebido. Desde lá, ele sabia que seu lugar não era dentro da redação, mas no lado de fora, mundo afora.

Ao se formar na PUCRS, Trezzi conseguiu o primeiro emprego como jornalista no “O Repórter”, lá fez diversas matérias sobre fraudes, crimes e corrupções, sempre indo além do que se vê. Não queria apenas ouvir o delegado, mas também o criminoso. Com naturalidade se encontrava com ele na cela e fazia perguntas cara a cara, que depois se transformavam em um texto jornalístico com um toque literário.

Com toda a bagagem do primeiro emprego, seguiu produzindo pautas de segurança pública e polícia no jornal Metro, na sucursal gaúcha da Gazeta Mercantil e no Diário do Sul, onde permaneceu trabalhando até a última publicação do veículo.

Após o encerramento das atividades, ele só tinha duas opções: aceitar uma proposta e se tornar assessor de imprensa ou seguir como repórter e ganhar menos do que gostaria. Entretanto, ser formado e se tornar “chapa branca” não estava nos seus planos. Então decidiu seguir como repórter e, em 1988, começou sua carreira no Zero Hora, veículo em que permanece até hoje.

A primeira atuação no GZH (Gaúcha Zero Hora) foi por meio de trabalho temporário, para cobrir as eleições municipais. Pela entrega de qualidade, foi contratado e passou a produzir

pautas que ultrapassam as barreiras do *hard news*. Não demorou muito para Trezzi e seus textos conquistarem um espaço de referência dentro do jornal.

Contrabando de soja, venda ilegal de arma para facções, terremoto no Chile, combate entre militares e guerrilheiros na Colômbia, guerra civil no Haiti e no Paraguai: a lista de pautas importantes feitas por Trezzi é extensa e se amplia a cada semana, com as suas publicações na coluna de segurança pública do GZH.

Embora lide com temas que desequilibram grandes grupos e revelam crimes, o jornalista não sente receio e nunca deixou de fazer um texto por conta das ameaças. Ele menciona que o primeiro passo é saber com quem está lidando, em alguns casos contar com o apoio de seguranças, e inclusive saber fazer atuação teatral, habilidade essa que foi muita exercida em uma matéria sobre o problema de furto de fios de cobre que Porto Alegre enfrentava.

Praticamente toda semana os moradores da capital gaúcha enfrentavam a falta de energia elétrica, e foi a recorrência da situação que fez Trezzi se questionar: como ocorrem os furtos? Por que estão aumentando tanto? Suas perguntas foram respondidas durante a criação da reportagem com o colega Lucas Abati. Os dois se infiltraram no cenário da drogadição e, cada um com o seu papel, desvendaram todo o processo de furto e venda do cobre.

Entretanto, esta é apenas uma semana normal na vida de Humberto Trezzi, que publicou o livro “Em terreno minado: Aventuras de um repórter brasileiro em áreas de guerra e conflito” em 2013, para retratar os bastidores de reportagens em áreas de risco que fez em quarenta anos de profissão. Pelos capítulos, ele conta detalhes sobre conflitos, rebeliões e catástrofes em várias partes do mundo: Angola, Bolívia, Chile, Colômbia, Haiti, Líbia, México, Paraguai, Timor, além de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

As experiências de quase morte também fazem parte das histórias. Uma delas se passa no bairro Vigário Geral, no Rio de Janeiro, quando o jornalista foi cobrir uma chacina que tinha ocorrido entre traficantes e policiais no local. Sua função na pauta era cobrir a rotina da favela após as quatro mortes de policiais e as 29 mortes de civis, mas não quis se limitar somente a isso e resolveu entrevistar os traficantes dentro de um baile funk. No final do dia, Trezzi pôde construir um texto sobre detalhes da favela e divulgar, inclusive, o nome dos policiais que haviam matado pessoas da comunidade. A notícia foi capa do jornal e saiu em diversos canais.

Dois meses depois, voltou ao Rio de Janeiro, para conversar novamente com as pessoas envolvidas. Neste retorno, encontrou os chefes do tráfico que não acreditaram que ele era jornalista e por acharem que estavam mentindo, amarraram suas mãos e o levaram para

a “vala”, local que iriam matá-lo. Antes de apertarem o gatilho, Trezzi lembrou o nome dos traficantes que havia entrevistado na primeira reportagem e foi salvo pela sua memória.

Com vasta experiência e profundo conhecimento sobre as temáticas abordadas, Trezzi é um dos profissionais que constituem o Grupo de Investigação (GDI) do Grupo RBS. Sua capacidade de analisar dados, realizar entrevistas e construir narrativas sólidas é fundamental para a produção das reportagens produzidas pelo núcleo.

O GDI visa produzir reportagens de alto impacto social, político e econômico. Inspirado no modelo da equipe Spotlight, do Boston Globe, o Grupo tem se destacado por seu trabalho rigoroso e sua capacidade de revelar histórias que muitas vezes ficam escondidas, mas merecem destaque.

Realizado por uma série de profissionais, o jornalismo investigativo do Grupo RBS exerce um papel importante na sociedade. Ao desvendar casos de corrupção, irregularidades e outras questões de interesse público, essas equipes contribuem para uma série de transformações positivas como transparência, fortalecimento da democracia, promoção da mobilidade social e da qualidade de vida.

Através do GDI, Trezzi participou de diversas reportagens de grande impacto, como a série “Depenados”, que expôs um grave esquema de corrupção no Detran-RS, onde servidores se aproveitavam de veículos apreendidos para desmanchá-los e lucrar com as peças. Suas investigações também revelaram a proliferação de condomínios clandestinos na Região Metropolitana de Porto Alegre e o crescente poder do crime organizado no estado.

Humberto Trezzi é um dos jornalistas investigativos mais premiados do Brasil. Ao longo de sua carreira, recebeu diversos reconhecimentos por suas reportagens de impacto, como o Prêmio Esso de Jornalismo, o mais importante prêmio da área no país, e o Esso Regional, que destaca trabalhos de excelência em diferentes regiões do país. Além desses, Trezzi foi laureado com o Prêmio Estácio, o Prêmio CNT, o Prêmio MPT, o ARI e o Movimento de Justiça e Direitos Humanos, evidenciando a relevância de suas investigações em diversas áreas, como segurança pública, corrupção e direitos humanos. Essa série de premiações atesta a qualidade e o impacto de seu trabalho, que contribui para uma sociedade mais justa e transparente.

2. Heloíse Bordin

Uma craque atrás do microfone

Da cidade pequena à capital, a jovem jornalista que se destaca no esporte

Por Eduarda Lima Severo e Yasmin Bueno Bonatto

Em uma cidade de pouco mais de quinze mil habitantes, existia uma, dentre todas as meninas, que via o toque na bola de uma forma diferente, tampouco pensava em ser jogadora, nem se via em uma quadra qualquer, talvez em um trampolim ou praticando um solo. Independente do que, a magia não morava na prática, pelo menos, não na sua.

Heloise tem 25 anos, é filha de Diana e Amarildo Bordin, e nesse texto, é a menina citada acima. Nascida e criada em Serafina Corrêa, é apaixonada pelo esporte. Não pela prática, mas pelo que comunicam.

Dentre tantas escolhas que devem ser feitas na adolescência, Heloise decidiu comunicar. Escolheu o desafio de se jogar em uma nova cidade, em um novo sotaque e no jornalismo. E como um atleta que sai de um time de base para atuar no time principal, deixou os seus familiares e amigos para trás. Exatamente 221,1 quilômetros para trás, saindo do alto da serra para se instalar na capital de todos os gaúchos.

Porto Alegre e seu agito, virou a casa de uma jovem com a agenda cheia de matérias do cursinho, enquanto o mundo acontecia na rua, o seu se resumia a um caminho, um domingo de estudo, com pitadas de saudade. Quando um jogador sai de casa, leva consigo o sonho e o esforço, foi assim com ela também.

Na cara, coragem e atitude, de estágio a estágio, uma bagagem a mais na viagem, que começou no clube Grêmio Náutico União, onde viu seu amor se externar como assessoria de imprensa e enxergar em outros esportes a paixão da menina se tornar a realidade da mulher.

Nem sempre o jogador é escalado ou tampouco é escolhido de cara para o maior time do estado. Mas é aos poucos que o profissional se destaca, foi assim com Heloíse Bordin, agora jornalista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entre os trabalhos e mostras acadêmicas, sempre buscou promover uma cobertura mais inclusiva, abordando temas como a representatividade e o fortalecimento do futebol feminino.

Foi assim que ela entrou em campo com a confiança de um Pelé ou de uma Marta, em seus dias de glória. Todos os olhares estavam nela, e não havia dúvida de que a partida seria memorável.

“Pela primeira vez, Rádio Grenal transmite futebol masculino com comentário feminino”, a manchete do site coletiva.net marca uma fase importante da craque que pisa no campo para contar histórias.

E assim começou a jornada de Heloise no futebol. Não era uma profissional, as jogadas mais brilhantes vinham após o apito final, nas entrevistas. Era ali, de microfone em punho, que ela fazia o que sabia de melhor: extrair histórias e traduzir emoções. Seu verdadeiro talento não estava em driblar, mas em descrever, em transformar cada jogo em palavras que faziam o torcedor reviver as jogadas.

Com o tempo, o clube mudou, e agora no maior veículo de comunicação do estado, a RBS TV, conta no dia a dia a história de outras mulheres, que entram em campo ao lado uma da outra, para assim como Helo, viver do seu sonho, que também é o esporte.

Incentiva o debate aos times femininos, olha pra elas, joga nelas. Ao romper essas barreiras, Heloíse contribui para uma nova era no jornalismo esportivo, em que a inclusão e a pluralidade de vozes enriquecem as narrativas. Como apresentadora do quadro “Joga Nelas” no Globo Esporte RS, tem a honra de dar visibilidade ao futebol feminino gaúcho, promovendo histórias e talentos que fazem parte dessa rica trajetória. Além disso, ela é uma comentarista nos jogos do Brasileirão A1, trazendo análises e insights que refletem a paixão e conhecimento pelo esporte.

É assim que a amante do futebol feminino e dos esportes olímpicos atualmente fala do campo em uma editoria vivendo o dinamismo e os desafios diários de cada partida. Na glória e na derrota, em tudo que comunica, em cada passe que movimenta a torcida, em todo esporte. E entre um apito e outro, Heloise segue sua jornada. Uma menina que planejou ser craque, na palavra.

3. Elizângela Maliszewski

A voz feminina do jornalismo rural

Desde a infância, ela esteve conectada com a vida no campo

Por Argel de Souza Leite e Mariele Agostini

“Se você tem essa ligação, talvez o mundo o leve para esse caminho.” A frase representa a trajetória de Elizângela Maliszewski, mais conhecida como Eliza — nome profissional adotado — que cresceu em uma propriedade rural no interior de Dom Feliciano, na região sul do Rio Grande do Sul. Desde a infância, ela esteve conectada com a vida no campo, onde moldou seu olhar sobre o mundo rural, hoje central na sua atuação como jornalista.

Atualmente, o meio rural é mais que cenário: é pauta cotidiana em seu trabalho como repórter, especialmente voltado ao agronegócio. Formada em Jornalismo pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), com pós-graduação em TV Digital e especialização em Agronegócio, Eliza construiu uma trajetória que une formação técnica, experiência prática e um vínculo pessoal com o campo.

Logo após a graduação, em 2013, ela participou da cobertura da tragédia na Boate Kiss, em Santa Maria-RS, uma das experiências mais marcantes de sua carreira. O episódio evidenciou as exigências emocionais da profissão e contribuiu para amadurecer sua visão sobre o papel do jornalista, não apenas como transmissor de informações, mas como alguém que deve lidar com sensibilidade diante da dor do próximo.

Com 15 anos de carreira, Eliza passou por diferentes editorias, como política, religião, esporte e polícia, o que ampliou a capacidade de atuação em diversas frentes. Desde 2016, dedica-se ao jornalismo rural, área que, segundo ela, representa um retorno às origens.

Como repórter do Canal Rural, Eliza realiza cobertura na região sul do Brasil, abordando temas como: mudanças climáticas, crises econômicas, inovações tecnológicas, pragas e mercado agrícola. Ao lado do marido, Marcelo Oliveira, participa de todas as etapas da produção jornalística — da definição da pauta à edição do material. A parceria entre os dois une técnica e sensibilidade para retratar a realidade do campo de forma acessível e fiel.

Entre os trabalhos de destaque, está a produção de uma série sobre eleições e os impactos das tragédias climáticas no Vale do Taquari, em 2024. Durante as entrevistas, Eliza relata que

muitas vezes acolhe emocionalmente os entrevistados, comportamento que considera parte do compromisso ético do jornalismo em contextos de vulnerabilidade.

Ela também reflete sobre o espaço das mulheres no agronegócio, historicamente dominado por homens. Apesar de ainda encontrar resistência em certos ambientes, observa uma crescente participação feminina em posições de liderança. Com isso em mente, pretende cursar Agronomia no futuro, aprofundando sua compreensão técnica da área que cobre.

Entre os desafios enfrentados, destaca-se a comunicação de temas sensíveis, como o uso de agrotóxicos e os efeitos das queimadas. Eliza busca esclarecer o papel da legislação e a consciência ambiental dos produtores, promovendo o diálogo entre o campo e a cidade. Para ela, aproximar esses dois universos é uma das funções centrais do jornalismo rural.

Mais do que profissão, Eliza vê sua atuação como um compromisso com a valorização dos que trabalham no campo. Conectar o meio rural à sociedade urbana, mostrando desafios e conquistas, é uma missão que ela abraça diariamente. No futuro, não descarta a possibilidade de se tornar também produtora rural — um retorno definitivo às raízes que sempre nortearam sua jornada.

4. Veridiana Röhler

Um mergulho no sentir: a melhor onda é sempre a soprada pelo vento do coração

Relato íntimo de uma jornada de autodescoberta pelas marés da vida de Veridiana Röhler, narrada pela vela estrutural de seu barco: sua sensibilidade

Por Henrique Vendramin Pittol e Jordana de Azevedo e Silva

“Não precisa ser assim. Não precisa ser essa casca. Acima de qualquer informação, precisamos repassar humanidade”, contava Veridiana.

Foi nesse momento que eu me senti forte. Presente. Veridiana me reconheceu e me trouxe para perto. No centro de tudo.

Essas foram as palavras da jovem moça de 28 anos ao se referir ao momento mais decisivo da sua trajetória no jornalismo. Se estivesse no local oportuno, tenho certeza que teria virado um versículo bíblico ou uma lajota com estrela na calçada da fama de Hollywood. Ou, pelo menos, uma folha impressa no mural de uma sala de aula por aí. Algo nesse estilo.

Acostumada a lidar com a objetividade das notícias e a frieza dos fatos, a jornalista sentia um profundo desconforto ao confrontar a fragilidade da vida e a brutalidade da realidade.

Efeito gangorra. Eu que inventei. Não são todos que ficam seguros em não ter os pés fixados no chão.

O primeiro amor

Eu e você sabemos que o primeiro namorico é o mais desafiador. Ele nos lança a uma viagem sem rédeas, que pode ser libertadora, confusa e oportunista nas mais variadas intensidades. Foi assim com Veridiana.

Os dias começavam cedo, logo no primeiro raio de sol que, com timidez, ofusca o breu da noite. Um desejo ansioso de saber dos últimos acontecimentos da cidade e região. Já nas primeiras horas do dia, um turbilhão de notícias a esperava. E ela queria que os fatos a aguardassem.

Acompanhar os noticiários, preparar os roteiros, gravar boletins e participar de programas ao vivo eram tarefas que exigiam concentração, agilidade e uma boa dose de criatividade. Eu estava lá, falo com propriedade que ela desempenhava isso irretocavelmente.

Ao longo de uma década, essa foi a rotina de Veridiana na rádio local do município onde nasceu e cresceu, Venâncio Aires. Foi no segundo semestre do curso de Jornalismo, quando estudante em busca de oportunidades de trabalho, que descobriu o afeto que tinha pelo meio radiofônico.

O Portal RVA era mais do que um simples local de trabalho. Era um palco onde o espetáculo podia ser ousado ou comedido na medida que Veridiana quisesse. Era tão genuíno quanto um golfinho a nadar em águas salgadas do oceano. Habitat natural. Podia usar sua voz para informar, entreter e, acima de tudo, conectar pessoas. É sua expertise.

A comunidade tinha um carinho e uma admiração enormes por ela. Ainda tem. Essa proximidade era algo que ela valorizava muito. Tantas ligações de ouvintes, *feedbacks* positivos e histórias compartilhadas que se tornaram a maior recompensa no final do dia.

Era minha maior felicidade também. Eu me sentia completa.

Com o passar do tempo, descobrimos que podíamos ir além. Outras coisas também podiam entrar para a lista das que faziam a nossa felicidade.

Descobertas.

Variedade

Temos que concordar que comer a mesma fruta todas as manhãs no café não é tão emocionante quanto o sabor de experimentar outras variedades pela primeira vez a cada refeição. Estreia. Se aventurar nas opções e se permitir a experiência de gostar ou não é uma escolha oportuna quando se almeja um objetivo futuro.

Veridiana tinha esse ímpeto.

Além das atividades rotineiras que desempenhava na rádio, também dedicava seu tempo e atenção a projetos sociais. Fez do celular o canal que levava a voz de campanhas de conscientização, eventos, entrevistas e reportagens especiais a muitas pessoas. Trazia ao debate temas de importância coletiva como a inclusão social, a preservação do meio ambiente e a luta contra a violência com objetivo de mobilizar as pessoas e gerar mudanças positivas na comunidade. Impacto.

Uma audácia e sensibilidade sem tamanho. Sinto tanto orgulho.

Palavras em texto e vídeo, tão bem desenhadas que a fizeram abraçar a potencialidade de si mesma e a sua expertise em comunicar. Reuniu tudo isso, somou à sua paixão por ensinar e começou a ministrar aulas de oratória.

Veridiana acreditava que a comunicação eficaz era uma ferramenta fundamental para o sucesso pessoal e profissional, assim, em suas aulas, compartilhava seus conhecimentos e técnicas para ajudar seus alunos a desenvolverem habilidades de falar em público, superar a timidez e se expressarem com clareza e confiança.

De uma única fruta, se fez uma salada. Temperada com seu talento e com o gosto da vida em levá-la ainda mais longe.

Além.

Início do depois

A jornada da vida é formada por muitos momentos. É comum ouvirmos das pessoas que determinado estalo no silêncio corriqueiro da existência gerou um antes e um depois. Como um tombo de infância, daqueles que marcam a pele e viram histórias para se comentar nas rodas de amigos aos trinta e poucos anos. É inerente a qualquer força contrária. Acontece. Pode se repetir por vezes. E nem sempre é bom.

“A partir daquele dia eu me tornei muito mais sentimental. Humana.”

Era perto do meio-dia. Acompanhadas de um colega da rádio, fomos chamadas para cobrir um acidente grave que havia acontecido na cidade, na região onde Veridiana morava quando criança. Uma apuração rápida para ir ao ar na programação da rádio.

Ao chegarmos no local, era uma amiga de infância da Veridiana, que havia falecido devido a brutalidade do acontecido. Eu me contive, não deixando transparecer efeito nenhum. Ela averiguou a situação, apurou as informações e registrou o ocorrido. Incrédula. Inerte. Profissional.

A muito custo, na mesma noite, ela conseguiu acessar o que sentia, o que fez repensar seu comportamento profissional. O ponto de inflexão. E reflexão.

Foi quando eu me fiz presente, estive lado a lado dela. Juntas, percebemos que ela não conseguia mais separar o profissional do humano. Essa dualidade era pesada demais. Precisava ser unificada. A parte jornalista de Veridiana se sentia aprisionada e incapaz de expressar a compaixão que sentia.

“Eu fui ensinada dentro do jornalismo que eu tinha que controlar as minhas emoções. Não podia chorar, não podia rir. Eu tinha que ser imparcial. Em algum momento isso acaba se desmanchando.”

Nesse momento eu entendi que havia espaço para mim. Descobrimos muito a partir daí.

Império

Construções imponentes, majestosas, cercadas de jardins esculpturados, vitrais cintilantes e torres que alcançam as beiradas das nuvens do céu, não resumem o significado que foi carregar a coroa de Rainha da Fenachim.

Império. Construído dentro de si.

O sentimento de pertencimento e a proximidade que Veridiana possuía com a comunidade, refletiu em uma das maiores aventuras de sua vida. Da nossa.

Colocar seu nome à disposição, entre tantas outras mulheres, a trouxe um título muito maior do que apenas uma coroa. E aqui, meu vínculo com ela se torna cada vez mais forte.

Ah, a ansiedade daquela noite. Sentia como se fosse minha. O coração de Veridiana pulsava frenético, feito um tamborim nervoso dentro do peito. Milhares de olhos a observavam. Eu sentia cada olhar como um raio de luz sobre sua alma.

A responsabilidade era um manto pesado, mas ela o carregou com a graça e pureza de uma rainha.

Aquele palco foi o primeiro degrau de um império que ainda estava por vir. A cada sorriso, a cada gesto, Veridiana plantava uma semente que mais tarde floresceria em um jardim digital exuberante. Publicações e interações pinceladas a traços finos no mural do futuro. Feito com o coração.

A variedade de temas que ela aborda hoje é a prova de que o frio na barriga não foi em vão. Aquele palco a ensinou a lidar com a pressão, a transformar a ansiedade em força e a compartilhar sua alma com o mundo.

Celebramos cada arrepio e cada sorriso. Na época e hoje também.

Depois do depois

A vida não é uma linha contínua. É como os batimentos do coração. Nunca neutros, se não significaria que estacionamos. Mas altos e baixos, médios e rasteiros, lá em cima, no meio ou lá embaixo. Assim nascem os movimentos, as descobertas e os novos rumos. Possibilidades. Potencialidades.

Uma metáfora didática, mas é porque eu entendo bastante disso.

Outra vez, Veridiana foi desafiada ao extremo. A profissão que um dia a fascinara, novamente se revelou mais complexa e tangível. Ligações de emergência, pedidos de socorro, conversa com autoridades, atualizações, boletins, pautas, entrevistas e programas veiculando ininterruptamente o mesmo e trágico assunto. Desesperador. Sufocante.

Em maio de 2024, a cobertura da maior catástrofe climática que o Rio Grande do Sul já viveu em toda a sua história, trouxe consigo o pânico, a angústia e escancarou a face mais sombria da realidade. Cada palavra virava um nó. E cada um deles enrijecia a parte mais genuína do peito.

Uma colisão brutal entre a imparcialidade jornalística e sua empatia e sensibilidade, que resultou em uma decisão fatídica e até então impensável para Veridiana. O rádio, tão significativo na sua formação e carreira, deixou de ser refúgio. Se tornou uma experiência de vida e profissionalismo que para sempre fará pulsar seu coração.

“A gente tem que ser forte, enfrentar as coisas, mas eu acho que não tem como a gente trabalhar sem ter o sentimento, sem ter o coração também.”

Eu a conheço muito bem.

Ressignificar

De acordo com o dicionário da língua portuguesa, resignificar significa: “Atribuir um novo significado a; dar um sentido diferente a alguma coisa; conceder uma nova visão a algo já conhecido; redefinir”.

Nos abraçamos. Entendemos que esse seria o momento.

A exaustão física e emocional acumulada ao longo dos anos, somada ao impacto das experiências dos últimos meses, levaram Veridiana a tomar uma decisão difícil: afastar-se temporariamente da profissão. A necessidade de cuidar de sua saúde mental se tornou uma prioridade absoluta.

Ressignificar a vida, a trajetória, o rádio, o jornalismo. No sentido mais literal da palavra possível.

Este momento exigiu confiança, maturidade e resiliência de nós duas. Estávamos em busca do mesmo objetivo. Nos apoiamos em cada confronto, em cada distanciamento, em cada desafio e aproximação.

Eu já havia ficado muito tempo em silêncio.

O acontecimento mais lindo foi quando eu e Veridiana nos juntamos na mesma voz. Definimos nossa identidade. Um reconhecimento genuíno da importância que temos. Uma sem a outra não tem possibilidade de existir.

Complemento. Encaixe.

Somos uma só. Somos uma só Veridiana.

Além

São os diferentes caminhos que trilhamos que nos fazem chegar ao destino.

Veridiana agarrou-se fortemente nas suas potencialidades e no seu instinto e hoje, aos 28 anos, redefiniu a rota calculada em 2014, transformando sua versão jornalista em uma profissional capacitada e preparada para atuar onde seu coração sentir estar em casa.

“O jornalismo para mim hoje, não é mais só notícia. É contar histórias. É trazer oportunidades. É sobre pessoas. É falar para as pessoas”, relata com tamanho brilho nos olhos como quem enlaçou-se em si mesma.

Compreendeu que a informação, por mais importante que seja, não pode se sobrepor à humanidade. Ela deve ser passada de forma autêntica, leve e que faça o público encontrar sentido no assunto que está sendo tratado. Conexão.

Um mergulho particular no oceano que habita dentro dela, rendendo frutos com a comunidade de Venâncio Aires e região e também com os milhares de seguidores que a acompanham através das redes sociais, o local seguro que Veridiana encontrou para fazer o que mais ama, comunicar.

Aprendeu a navegar. Não como manda o manual, mas sim com as coordenadas exatas disparadas pelo calor do peito.

Se aventurar em rotas desconhecidas, ser presenteada com pores-do-sol deslumbrantes e costas repletas de pessoas e suas histórias. Conhecê-las, contá-las ao mundo, impactá-las da maneira mais bonita e poética. Tudo que significa movimento e propósito para Veridiana.

Saber nadar todo mundo sabe. Sempre se arruma um jeito, mesmo que desengonçado. Coragem é mergulhar de cabeça no sentir. Nestas marés profundas e curiosas, onde as melhores ondas são sempre sopradas pelo vento do coração.

Fim.

5. Maria Eduarda Pazinni

De atleta a jornalista esportiva

A indecisão após a conclusão da escola, instante que marca a vida da grande parte dos jovens que ainda não possuem certeza sobre o seu futuro profissional. Momento decisivo na vida da jornalista da TV Papo, Maria Eduarda Panizzi

Por Laura Alexandre Correa e Yasmin Rodrigues

Ainda criança, sua paixão pelo futebol já era nítida, embora, em sua infância, não escutava falar muito sobre a possibilidade de mulheres se tornarem jogadoras de futebol profissional ou de atuarem em áreas ligadas às quatro linhas. Na sua adolescência, jogava futebol frequentemente, no início como um hobby, mas com o tempo chegou a almejar uma carreira como atleta profissional.

Em 2019, a moradora de Bento Gonçalves-RS, fez um teste para o Brasil de Farroupilha, passou na seleção e jogou pelo time durante um ano e meio, uma experiência que ela considera marcante tanto no aspecto pessoal quanto no profissional.

Com a indecisão de seguir a sua carreira como jogadora de futebol, Panizzi, decidiu pesquisar sobre novas áreas que a pudesse manter perto da sua grande paixão: o esporte.

Enquanto conversava com sua mãe, Maria Eduarda Pazzini ouviu uma sugestão: “Por que você não tenta uma graduação em Jornalismo?”. Sem pensar, Maria Eduarda descartou a ideia. Para ela, o Jornalismo parecia algo distante do seu perfil e até mesmo interesses. No entanto, tudo mudou após ela realizar um teste vocacional que, para sua surpresa, apontou exatamente essa carreira como a mais alinhada ao seu perfil.

Curiosa, Maria Eduarda passou a reconsiderar a carreira na Comunicação. Aos poucos, aquela ideia antes rejeitada por ela mesma, passou a ser vista como uma possibilidade real. Decidida a experimentar, ela se matriculou no curso de Jornalismo na Universidade de Caxias do Sul (UCS), sem grandes expectativas. Porém, ao longo das aulas, descobriu um mundo muito mais vasto do que imaginava. A cada nova experiência, ela se admirava com a amplitude de áreas e conhecimentos que a profissão abrange, encontrando ali uma paixão que nunca imaginou ter.

Maria Eduarda Panizzi envolveu-se com temas relacionados à profissão e explorou diversas possibilidades de atuação enquanto estudante universitária. Entre essas possibilidades está o canal 90 Minutos, uma oportunidade que surgiu através de um professor. Um estágio não remunerado, mas uma chance de evolução e crescimento na área.

Depois de completar o estágio, trabalhou no grupo RSCOM, pertencente à Jovem Pan, onde permaneceu por sete meses e considera que foi um período essencial para formação como jornalista.

Um dos grandes sonhos da Maria Eduarda Panizzi, sempre foi conseguir fazer parte do grupo RBS. Em 2022 esse sonho se tornou realidade, ela foi selecionada e estagiou principalmente no jornal Pioneiro e na cobertura da Serra Gaúcha. Ela descreve essa experiência como um divisor de águas, onde conseguiu aprender muito e crescer profissionalmente.

Com o fim da graduação e estágio no grupo RBS, Maria Eduarda Pazzani, já fazia planos para conseguir ingressar no veículo como CLT. No entanto, como a vida nos surpreende de algumas formas inesperadas, com Maria Eduarda Pazzani não foi diferente: ela recebeu uma oferta de trabalho na TV Papo, canal oficial de comunicação do clube de futebol Juventude. Foi neste momento que ela conseguiu juntar suas duas paixões em uma só profissão: a comunicação e o esporte.

A partir desse momento, diversas conquistas foram alcançadas. Maria Eduarda destacou o apoio mútuo dentro da equipe de comunicação enxuta do clube e relembrou momentos e experiências marcantes. Um desses momentos foi a entrevista com Alan Ruschel, jogador que atingiu a marca de 100 partidas vestindo a camisa do Juventude.

A conversa aconteceu no campo, em um cenário simples e simbólico: duas cadeiras posicionadas sob um céu limpo e ensolarado. Maria Eduarda usava uma camisa do clube combinada com uma calça verde, representando as cores do Juventude, enquanto Alan vestia o uniforme oficial. O bate-papo foi descontraído e, ao mesmo tempo, carregado de emoção, Alan se emocionou ao contar como o Juventude o acolheu e o apoiou em sua reabilitação, após o acidente envolvendo a Chapecoense.

Ele falou com orgulho sobre sua trajetória, destacando a alegria de ter participado de tantos jogos e de fazer parte da história do clube. Também compartilhou detalhes de um período delicado de sua vida: o acidente aéreo envolvendo a Chapecoense.

Ao final da entrevista, Maria Eduarda teve a honra de entregar a Alan uma camisa comemorativa, personalizada com seu nome e o número 100, simbolizando os jogos que marcaram sua história no clube.

Trabalhar ao lado de atletas que ela admirava, como Nenê, foi uma experiência incrível para Maria Eduarda. Além disso, ela teve a oportunidade de ser mestre de cerimônias em um evento do clube, algo que jamais imaginou vivenciar. Outro momento marcante foi quando foi convidada para ser mestre de cerimônias da live solidária em celebração aos 111 anos do clube, realizada em junho de 2024.

Sua rotina gira em torno do time, dos eventos e dos jogos, uma agenda dinâmica e sem horários fixos. Ao contrário de muitos, os finais de semana raramente são livres, já que os jogos do Juventude acontecem nesses dias. No entanto, não vê isso como um problema. Está tão acostumada com o ritmo intenso que se já faz parte do seu cotidiano, já sabia que fazia parte do seu papel no clube.

Nos dias de jogos, costuma chegar bem antes dos outros. A tarefa de cobrir os jogos para as redes sociais do clube exige muita organização e planejamento. Ela passa o tempo organizando como irá realizar as postagens, preparando os conteúdos e, às vezes, ajustando o roteiro de última hora. A adrenalina de estar ali, acompanhando tudo de perto, é o que a motiva a estar sempre pronta.

Quando o time viaja para outras cidades, ela acompanha os jogadores e a comissão técnica, vivendo com eles o ambiente da estrada, sempre pronta para registrar os melhores momentos e manter os fãs do Juventude conectados com o time.

Mesmo com tantos momentos positivos, reconhece os desafios de ser mulher em um ambiente predominantemente masculino, como as limitações de acesso aos vestiários. Ainda assim, ela lida tranquilamente com isso, pois em todo momento tem o apoio da equipe.

Como um exemplo da força feminina no jornalismo esportivo, Maria Eduarda segue crescendo na área e servindo de exemplo e inspiração para várias meninas e mulheres que acompanham o seu trabalho diário e sonham em alcançar uma área da profissão que ainda é muito dominada pelos homens.

6. Gabriela Hautrive

Sem script

A trajetória de uma jovem que teve a coragem de mergulhar no inesperado dia a dia do jornalismo

Por Eduarda Lima Severo e Yasmin Bueno Bonatto

A vida não tem roteiro, principalmente para um jornalista. Vez ou outra surgem spoilers, dicas de como será o futuro, mas a verdade é que nunca dá pra saber o que vai acontecer no dia seguinte.

Esse universo desde sempre pareceu combinar muito com Gabi. Ainda na infância, ela ouvia do pai que seria radialista. Quando um repórter aparecia com as informações sobre o Sport Club Internacional, de Porto Alegre, seus olhos brilhavam para o jornalismo esportivo. A paixão cresceu ao longo dos anos e quando chegou no Ensino Médio já não restava dúvida alguma: queria ser jornalista.

Mas a velha máxima prevaleceu e a vida de Gabi não seguiu um roteiro. Apesar da família achar que sua voz combinava muito com as ondas do rádio, o nome de Gabriela Hautrive passou a ser escrito em matérias da Folha Popular e da Revista Radar, ambos pertencentes ao Grupo Popular, de Teutônia. Esse foi o pontapé inicial de sua carreira jornalística, em meados de 2014, quando estudava na Universidade do Vale do Taquari (Univates).

Por um ano, ela circulou em diferentes áreas da empresa de comunicação, desde a recepção até a sala de redação. O convite para atuar no site Informe nos Vales veio em um momento que Gabi sentia a necessidade de mudança, por isso foi fácil aceitar. “Agradeço às coisas que aprendi naquela época”, reflete ela sobre a rotina que considerava “bem louca”.

O cotidiano era, na verdade, sempre inesperado. Ainda muito jovem, Gabi ia para as ruas sem uma pauta definida e na conversa com moradores de uma cidade e outra, descobria grandes histórias. Os dias extremamente corridos duraram cerca de cinco meses. Depois disso, ela decidiu sair do Informe nos Vales e retornou ao Grupo Popular, com a condição de trabalhar somente na redação. “Eu queria fazer jornalismo”, afirma com a voz repleta de convicção. A volta lhe deu novas oportunidades, como participações na programação da rádio. Com a bagagem que acumulou até 2018, Gabi decidiu encarar novos desafios, desta vez no Grupo Independente, em Lajeado.

Mais uma vez, a vida se mostrou sem roteiro algum. A menina apaixonada por jornalismo aceitou uma vaga na produção, com a expectativa de uma brechinha para assumir seu lugar nas reportagens. Dito e feito: em 10 de dezembro de 2018, justamente no aniversário do pai que sempre soube o futuro da filha, Gabi passou a atuar na editoria de polícia da rádio.

Em meio às surpresas, esteve a oportunidade de trabalhar com jornalismo político. Mesmo tendo o desafio de ser mulher e de entender o funcionamento da Câmara de Vereadores, Gabi encarou o trabalho de peito aberto. Deu seu máximo a cada matéria, garantindo que tudo fosse feito com algo considerado imprescindível no meio: credibilidade. “As primeiras matérias sempre tinham reclamação. No início eu me abalava muito mais, porque eu sempre tentava fazer o trabalho de forma igualitária”, relembra ela.

A resposta ao seu esforço se deu em experiências inesquecíveis, como a cobertura do segundo turno das eleições presidenciais em 2022. Gabi viajou sozinha para São Paulo, onde acompanhou o dia de votação que colocou Luiz Inácio Lula da Silva no poder novamente. “Eu cheguei a pensar ‘não, eu não vou ir porque é loucura’, mas hoje eu penso ‘ainda bem que eu fui’”, recorda. Esse foi mais um dos tantos momentos em que o jornalismo não lhe deu roteiro. Depois de cinco cadastros para poder acompanhar o atual presidente votando, Gabi passou o dia na capital acompanhando a apuração e ainda fez suas participações ao vivo na festa que tomou a Avenida Paulista.

A vivência completamente inesperada lhe deu segurança para desafios que surgiram depois, como uma viagem à Brasília para acompanhar líderes do Vale do Taquari em comitiva que buscava recursos. Mesmo assim, o frio na barriga ainda surge quando o jornalismo lhe oferece algo novo. No pleito de 2024, Gabi esteve à frente da mediação de debates políticos. “É uma experiência bem diferente, tu começa a pensar na importância que aquilo tem pro candidato que está ali”, comenta. Aos 30 anos, ela foi uma das apresentadoras do Grupo Independente que conduziu as conversas entre candidatos a prefeito no Vale.

O cotidiano inesperado reservou à Gabi e a tantos jornalistas gaúchos uma das maiores tragédias climáticas do Rio Grande do Sul. Depois de atuar na cobertura de outras duas enchentes em 2023, ela precisou enfrentar o trabalho na histórica cheia de maio. “No final eu pensei em pedir demissão”, assume ela. Residindo em Teutônia e impedida de chegar ao trabalho pela interrupção da ponte do Rio Taquari, Gabi passou semanas fazendo seu trabalho, mais uma vez, sozinha. Ouvindo famílias que perderam bens materiais, casas inteiras, plantações e o mais difícil, que são as vidas.

De maneira quase que contraditória, Gabi conta que se sente jornalista quando está com as pessoas. Seja nos momentos bons ou ruins, o mais importante para ela é poder contar histórias e de alguma forma ajudar o outro através das ondas do rádio. Nessa vida sem roteiro, a paixão de Gabriela Hautrive pelo jornalismo segue perfeitamente previsível.

7. Luiz Antônio Araújo

O desenho e as cores da comunicação internacional

A trajetória de um jornalista que desenhou através de seus textos grandes acontecimentos do mundo

Por Louise Tasca e Mariele Agostini

A ligação de Luiz Antônio Araújo com o jornalismo, ironicamente, não nasceu das palavras. Na verdade, desenhar foi sua primeira paixão. Antes mesmo de ser alfabetizado, Araújo já rabiscava e gostava de transmitir suas ideias em formatos e símbolos. Quando ele tinha seis anos, sua família deixou Santa Maria rumo ao Rio de Janeiro, onde seus pais, ambos médicos, buscavam especialização. O que mais o fascinou na nova cidade foi a banca de revistas e jornais na esquina de casa. Em sua memória, aquela banca era como um palácio mágico, repleto de revistas, jornais, folhetos, mapas e livros, um universo a ser explorado.

Sempre que tinha a chance, Luiz pedia aos pais que lhe comprassem uma revista ou um jornal. Em Porto Alegre, ele estava acostumado a ver jornais em preto e branco, uma tradição ainda presente na maioria das publicações da época. No entanto, no Rio de Janeiro, ele se deparou com algo que o encantou ainda mais: o Suplemento Dominical de O Globo. Com suas páginas coloridas e dedicadas ao público infantil, o suplemento trazia histórias em quadrinhos, que não só encantavam Luiz como também lhe despertavam a possibilidade de unir suas paixões. Nas páginas do jornal, ele viu que as narrativas ganhavam vida com desenhos, mostrando-lhe que o jornalismo poderia, talvez, ser um espaço onde ele próprio poderia desenhar e narrar o mundo.

Somado a isso, o amor de Luiz Antônio pela área foi intensificado ao acompanhar a trajetória da graduação em jornalismo do tio, 16 anos mais velho. Quando ele tinha apenas 11 anos, seu tio o visitou no Rio de Janeiro e, durante um passeio pela cidade, eles pararam em frente a uma livraria. Foi ali que Luiz avistou um livro recém-lançado por Chico Anysio, com uma capa ilustrada por Ziraldo: O Enterro do Anão. O menino pediu ao tio aquele livro como presente. Dentro de suas páginas, ele reproduziu a capa a lápis.

O incentivo do tio não se limitou a esse episódio; Luiz acompanhou com entusiasmo a jornada acadêmica dele, que fazia parte da segunda turma de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria. Ao aprender a ler e escrever, teve a certeza: queria seguir na Comunicação. Quando chegou a hora de decidir o que iria cursar, a resposta era óbvia: jornalismo era a sua paixão. Aos 16 anos, ingressou no curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), formando-se aos 20.

A trajetória de Luiz foi marcada por desafios e momentos inesquecíveis. Em 11 de setembro de 2001, enquanto atuava como editor de política no jornal Zero Hora, viu o mundo parar diante do ataque às Torres Gêmeas. Movido pela intuição de que aquele evento moldaria a história, tomou uma decisão: escreveu à editora-chefe demonstrando seu desejo de cobrir os desdobramentos internacionais. No dia 5 de outubro, estava no Paquistão, acompanhando a resposta dos Estados Unidos aos ataques. Durante 29 dias, ouviu vozes impactadas pela guerra: refugiados que fugiam das bombas, jovens dispostos a lutar e crianças cujas vidas foram marcadas pelo conflito.

Uma década depois, em 2011, outra missão marcaria sua carreira: a cobertura da Primavera Árabe. Em meio à tensão e à luta por direitos, Luiz viveu momentos que testaram sua coragem. Cercado por manifestantes pró-Mubarak, enfrentou agressões, mas foi salvo ao mostrar seu passaporte brasileiro, um gesto que o levou à segurança. Mesmo diante da violência, não perdeu o foco: relatou, com empatia e sensibilidade, as histórias de um povo em busca de liberdade.

Hoje, sua atuação se divide entre o ensino e as palavras. Trabalhando de forma remota há sete anos, Luiz reflete sobre as transformações do jornalismo. Ele celebra as facilidades tecnológicas, mas sente falta da dinâmica das redações, onde o aprendizado acontecia no calor das discussões e trocas entre colegas. Mesmo assim, permanece firme em sua missão: acredita que o jornalismo é pilar essencial para a democracia e para dar voz a quem mais precisa.

Mais do que informar, Luiz aprendeu a importância de humanizar. Para ele, o papel do jornalista é enxergar além dos números e dados, respeitar culturas e estabelecer vínculos de confiança, sempre buscando um olhar empático que transcenda os estereótipos. Sua admiração pelo jornalismo latino-americano, com sua força investigativa e compromisso social, reflete sua crença no poder transformador da profissão.

Hoje professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Luiz compartilha sua experiência com as novas gerações. Ele acredita no potencial dos futuros jornalistas, incentivando-os a explorar, ousar e construir uma nova forma de viver a profissão. Para Luiz, o futuro do jornalismo está aqui, nos temas que nos cercam, como o Vale do Taquari, que ele vê como parte do cenário mundial.

Seu conselho aos que começam é simples, mas poderoso: pesquise, encontre veículos que valorizem a área e, acima de tudo, não tenha medo de pedir uma oportunidade. Pois, assim como ele, cada um pode transformar histórias em pontes e realidades em caminhos para a mudança.

Conhecendo o Luiz, é possível perceber que para ser um bom jornalista internacional é necessário manter contatos regularmente com suas fontes, viajar, aproveitar as oportunidades que surgem, criar novas perspectivas, investir em conhecimentos sobre história e idiomas, ter coragem de desbravar o mundo, aceitar o imprevisível, não ter vergonha de errar, e principalmente, entender o papel transformador que o jornalismo tem na vida das pessoas e a responsabilidade que uma grande reportagem traz.

8. Pedro Corrêa

A conexão com a cultura de Pedro Corrêa

Uma paixão enraizada pela cultura e um olhar aguçado para as histórias

Por Argel de Souza Leite e Vinícius Lazzarotto

Pedro Corrêa sempre teve uma ligação natural e profunda com a cultura. Filho de professores, ele cresceu imerso em um ambiente onde o teatro e a literatura eram mais do que simples passatempos – eram formas de entender o mundo. Desde criança, Pedro desenvolveu uma paixão insaciável por todas as expressões culturais, seja no cinema, nas peças de teatro ou nas viagens, que sempre o convidaram a explorar novos horizontes. Durante o Ensino Médio, foi na literatura que ele encontrou um campo fértil para expandir essa conexão, com especial apreço pelas obras de Machado de Assis, que mais tarde também o aproximaram do cinema. Quando ingressou no curso de Jornalismo na Universidade Franciscana (UFN), em Santa Maria, em 2012, Pedro já carregava consigo um vasto repertório cultural, essencial para a atuação no jornalismo especializado, que exige constante atualização e uma profunda compreensão de múltiplos temas.

A inquietude e o desejo por dinamismo sempre foram marcas registradas de Pedro. Após um estágio na RBS TV, ele encontrou no Jornalismo Cultural o espaço perfeito para explorar sua busca por movimento. Seu primeiro editorial, publicado na Revista Mix, uma publicação local de Santa Maria, abordou as tradições culturais dos finais de semana na cidade. Para Pedro, trabalhar com Jornalismo Cultural é mais do que acompanhar as tendências do presente. É necessário ter uma mente aberta, disposta a entender tanto a atualidade quanto a história e o contexto cultural de um modo mais amplo.

Pedro sabe que, embora seja um campo dinâmico e multifacetado, o Jornalismo Cultural não é tarefa fácil. Ele exige constante preparação, pois, muitas vezes, o jornalista se depara com um público extremamente bem informado sobre temas específicos, sobre os quais ele pode não ter tanto conhecimento. A pesquisa é essencial para se tornar uma referência nesse tipo de jornalismo, e Pedro compartilha um exemplo dessa necessidade. “Uma vez, precisei escrever uma matéria sobre cosplay. Tinha uma ideia geral sobre o tema, mas ele estava muito distante da minha realidade. Tive que me aprofundar, pesquisar, correr atrás do que eu não sabia. Felizmente, temos os recursos e o tempo para isso. E é fundamental estar preparado para encarar pautas que saem da nossa zona de conforto”, conta.

Além disso, o jornalismo cultural frequentemente lida com pautas “frias”, ou seja, eventos ou situações já agendadas, o que oferece ao jornalista a oportunidade de se preparar melhor. Isso requer uma pesquisa constante e uma sólida base cultural, o que permite abordar uma diversidade de manifestações culturais com propriedade e sensibilidade.

Pedro acredita que a cultura é uma ferramenta poderosa de inclusão social, com o poder de aproximar diferentes comunidades e dar visibilidade a questões muitas vezes invisíveis. Ele destaca a importância da democratização do acesso à cultura, especialmente ao cinema, e a necessidade de investimentos governamentais nas produções nacionais. Além disso, o jornalismo cultural tem um papel fundamental na valorização de festivais e na promoção de projetos que fomentem a cultura local.

Durante a pandemia, um momento que desafiou todos os setores da sociedade, Pedro e sua equipe precisaram reinventar suas abordagens. “Durante o isolamento social, tivemos que adaptar nossas pautas. Passamos a fazer lives sobre temas como o Big Brother Brasil, influenciadores locais, e outros assuntos que ainda se conectam com o público. Usamos também essas lives para divulgar eventos culturais virtuais, redirecionando o público para essas novas plataformas online”, lembra.

Para Pedro, o Jornalismo Cultural vai muito além de cobrir eventos ou tendências. Trata-se de uma editoria que busca dar visibilidade a todas as características humanas relacionadas à arte e à cultura, incluindo etnias, costumes, folclore, e a história por trás de cada uma dessas expressões. O objetivo é aproximar o público dessas manifestações culturais e mostrar como elas refletem a identidade das comunidades e das sociedades.

No entanto, esse campo também enfrenta grandes desafios. Um dos maiores é a falta de repertório cultural entre a população em geral, algo que Pedro observa frequentemente. Esse desconhecimento é alimentado pela falta de acesso a informações culturais e pelo escasso apoio a iniciativas que promovam a cultura local. “Cultura é história, e história é memória. Se não preservarmos o que construímos hoje, nossa identidade e trajetória correm o risco de se perder”, afirma.

O desejo central de Pedro, no entanto, é revelar as histórias por trás das manifestações culturais. Para ele, o jornalismo cultural não apenas conecta as pessoas com suas raízes, mas também promove a reflexão sobre como as expressões culturais moldam e influenciam as identidades, tanto individuais quanto coletivas. Nesse processo, ele acredita que a preservação cultural desempenha um papel essencial. A memória, a história e a identidade precisam ser preservadas para que as gerações futuras compreendam o legado deixado por seus antecessores. “O jornalismo cultural tem a capacidade de ser uma ponte entre o presente e o passado, entre o indivíduo e a coletividade”, conclui.

9. Fernando Becker

Dentro e fora das quatro linhas: a trajetória de Fernando Becker no jornalismo esportivo

Uma jornada movida pela paixão pelo esporte e pelo desejo de contar histórias que emocionam

Por Louíse Ferrari Tasca e Vinícius Lazzarotto

A história de Fernando Becker com o jornalismo começa muito antes da faculdade. Durante o segundo ano do Ensino Médio, ele equilibrava a rotina escolar com os treinos como jogador da categoria sub-20 do time do Guarani, de Venâncio Aires, sua cidade natal. Mas, além das partidas e treinos, o interesse pelo outro lado do campo também despertava a sua curiosidade. Becker acompanhava programas jornalísticos como o “Jornal do Almoço” e o “Globo Esporte”, além de outros debates sobre futebol. Foi nesse ambiente, já tão familiar, que nasceu o desejo de entender como funcionava a comunicação esportiva.

O ponto de virada veio graças ao narrador Carlos Roberto de Oliveira, uma voz conhecida na rádio de Venâncio. Percebendo o interesse de Fernando em aprender, Oliveira abriu as portas da emissora para que ele pudesse ter mais contato com a área. Armado apenas com um gravador, Fernando passou a frequentar a rádio em seu tempo livre, de forma voluntária, conciliando o compromisso com o esporte e os plantões do estúdio.

A experiência adquirida na rádio, ainda como voluntário, foi o ponto de partida para uma jornada que uniu duas de suas maiores paixões - o futebol e o jornalismo - e, ao mesmo tempo, abriu as portas para sua carreira na comunicação esportiva.

O ano de 1991 trouxe novos desafios e decisões. Determinado a transformar sua paixão em carreira, ele prestou vestibular para jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Dividia seu tempo conciliando o seu estudo em Porto Alegre com a carreira de jogador de futebol em Venâncio. Após um semestre e meio estudando na Unisinos, conseguiu transferência para a PUCRS, onde sempre foi seu desejo estudar, dedicando-se inteiramente aos estudos. Fernando sentia-se cada vez mais atraído pelo jornalismo e menos inclinado a continuar com a sua carreira como jogador de futebol.

Determinado a deixar de lado os jogos pelo Guarani, Fernando foi assistir a um treino do então treinador Mano Menezes, e incentivado por ele, continuou por mais um ano a jogar pelo Guarani. A partir de 1994, ele se dedicou inteiramente aos estudos.

Em 1995, Becker deu o pontapé inicial em sua carreira como jornalista, começando como rádio-escuta no Palácio do Piratini. Ainda em 1995, ele foi estagiário de esportes na TV Educativa. Dois anos depois, em 1997, Fernando se formou e foi em busca do seu grande sonho: o Jornalismo Esportivo na televisão.

Para que esse sonho se concretizasse, Becker fez um curso de Jornalismo Esportivo e, principalmente, aproveitou todas as oportunidades que surgiram. Ele já foi editor de programas de esportes da RBS TV, trabalhou na televisão da Bandeirantes e, com essa experiência, chegou ao cargo de repórter esportivo da RBS TV.

Quando o assunto é uma grande transmissão, poucos eventos se comparam ao clássico entre Internacional e Grêmio, o inesquecível GreNal. Quem nunca sentiu aquele friozinho na barriga diante de algo grandioso? Becker, por exemplo, admite que, mesmo habituado a cobrir esses confrontos históricos, a emoção nunca desaparece por completo. Ele conta que a tensão inicial é inevitável, mas, com o tempo, ela dá lugar a uma ansiedade leve – aquela expectativa boa que só quem conhece a energia de um GreNal consegue entender.

E para se preparar para esses momentos, Becker tem seu truque: o futevôlei. Apaixonado pelo esporte, ele encontra no jogo a melhor forma de relaxar. Quando a pressão começa a apertar, ele vai ao clube e passa horas jogando, deixando o tempo e a ansiedade se dissiparem. Para ele, o futevôlei é mais do que uma paixão – é uma maneira de se reconectar e se preparar para a intensidade de uma grande transmissão, trazendo equilíbrio entre corpo e mente antes de viver a adrenalina da maior disputa do Rio Grande do Sul.

Quando a bola rola, Fernando sente que a ansiedade já passou, mas ainda há uma leve tensão no ar, algo natural, dada a importância do jogo. Ele explica que, nesse momento, é fundamental ter cuidado com as palavras: é preciso ter certeza do que se viu, pois a imagem pode desmentir qualquer comentário. Com tantas informações e o foco no que está acontecendo, às vezes um pequeno detalhe pode passar despercebido.

Antes do jogo, um outro momento descontraído surge: a interação com os torcedores. Sempre tem algum torcedor por perto, e, enquanto o tempo vai passando, é possível aproveitar para tirar uma foto e trocar algumas palavras, deixando o clima mais leve antes da grande transmissão.

A trajetória de Fernando Becker transcende a simples escolha de uma profissão: é uma jornada que entrelaça paixão, coragem e um olhar sensível para o mundo do esporte. Do rádio de sua cidade natal às grandes transmissões que emocionam multidões, ele construiu uma história guiada pelo amor à comunicação e pelo respeito à essência de cada partida. Em cada palavra dita, há o peso da experiência e a leveza de quem vive o que ama. Para Fernando, o jornalismo esportivo não é apenas uma profissão, mas uma extensão de quem ele é: um contador de histórias, um amante do esporte e um eterno aprendiz da vida.

10. Lucas Abati

Das arquibancadas a agente infiltrado: trajetórias que só o jornalismo desenha

Por Maiara Rovea e Paulo Emerson Cardoso Da Silva

Com o objetivo de auxiliar os estudantes na escolha de cursos que estejam alinhados com suas habilidades e interesses, as escolas passaram a ofertar matérias de Orientação Vocacional no Ensino Médio. Mas a verdade é que, mesmo quando a profissão parece óbvia e até o futuro planejado, tudo pode mudar.

Como é o caso de Lucas Guimarães Abati, o porto-alegrense que tinha certeza que faria jornalismo e seguiria a editoria de esportes, já que uma das suas maiores paixões é acompanhar os jogos do Internacional, pela rádio, TV e jornal.

Todos os trabalhos da graduação em jornalismo na ESPM eram sobre esporte, e não havia dúvidas do seu destino. Então bastou abrir uma vaga de estágio na Rádio Gaúcha, uma das rádios que ele mais acompanhava, para aproveitar a oportunidade. Se candidatou mesmo sabendo que a função era trabalhar para o site, porque sabia que era a chance de entrar e, se tudo desse certo, assumir os microfones nos estádios lotados da capital. Mas e se desse errado?

Lucas foi aceito na vaga, era estagiário da ronda, fazia contato com a polícia e sempre tinha muitas histórias para contar quando estava no ar, o interesse pelos temas de investigação e segurança pública surgiam ali. O estudante permaneceu na vaga até sua formatura em 2016, quando surgiu uma oportunidade de trabalhar com jornalismo geral no mesmo veículo. Ele aceitou o convite e atuou 4 anos como repórter.

Saiu da Gaúcha em 2020, ano que iniciava a pandemia, e passou a atuar no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Passou três anos trabalhando com TV, quando seguiu a expressão “o bom filho à casa torna”, e em 2023 retornou à Rádio Gaúcha.

Unindo a prévia experiência em casos de polícia e crimes e o momento pelo qual o Estado passava, Lucas foi convidado a fazer parte do GDI, Grupo de Investigação que reúne profissionais do GZH, Diário Gaúcho, Zero Hora, Rádio Gaúcha e RBS TV para apurar denúncias e informar fatos que impactam a sociedade.

A contribuição de Abati no GDI é principalmente na coleta de dados e interpretação de documentos, com sua facilidade com questões judiciais, ele assumiu a função de revisar relatórios, conferir leis e trabalhar na parte burocrática que muitas vezes dá início a investigação.

Como sua dedicação não é exclusiva ao GDI, o jornalista se divide entre pautas factuais, jornalismo de rua, linguagem de rádio e pautas elaboradas, com apuração lenta e cunho investigativo.

Uma dos trabalhos mais recentes de Abati no GDI é relacionado às lideranças de facções, que eram beneficiadas com prisão domiciliar por questões de saúde. O trabalho de analisar documentos começou quando o colega de redação, Humberto Trezzi, recebeu a informação dos crimes por uma fonte, e precisava encontrar os protestos e as decisões envolvendo os 15 presos. Com uma lista de nomes, Lucas Abati fez um relatório com detalhes da prisão e dos crimes dessas pessoas envolvidas.

E tudo que ele domina nos relatórios e documentos, ele não domina na arte de se infiltrar. Uma das suas experiências com isso é a pauta de furto de fios de cobre na cidade de Porto Alegre, que ele fez em conjunto com o colega Humberto Trezzi, o qual se passou por seu pai. Como queriam descobrir como ocorriam os roubos e vendas de fios de cobre aos ferros velhos, Lucas se infiltrou como morador de rua, e na calçada da Voluntários da Pátria começou a conversar com dependentes químicos. Não demorou muito para que um clima de desconfiança surgisse no ar. O “dono da rua” surgiu e obrigou Lucas a ligar para o seu “pai” para confirmar a história de ter saído de casa. Na ligação, Trezzi continuou a atuação e ainda conseguiu combinar com Lucas de buscá-lo no posto de gasolina, e assim, por pouco, ele salvou a pauta e a si mesmo.

A rotina de um jornalista é dinâmica e exige adaptabilidade. A experiência de Abati mostra como o dia a dia da redação é marcado pela busca incessante por informações e a necessidade de traduzir a complexidade do mundo para um público diverso.

“A gente chega às 8h da manhã, confere as pautas e sai para a rua”, descreve. A imprevisibilidade é uma constante no dia a dia do jornalista, que precisa estar preparado para cobrir qualquer tipo de ocorrência, a qualquer hora. Abati relembra a reportagem sobre a gestante morta no que a princípio era mais um homicídio na capital, para mencionar como uma notícia pode se transformar ao longo do dia, exigindo uma grande capacidade de adaptação.

A importância dos contatos é outro ponto destacado pelo jornalista. Para ele, a construção de uma rede de contatos, desde advogados até cidadãos comuns, permite ao jornalista ter acesso a informações privilegiadas e aprofundar suas reportagens.

“No jornalismo, a gente deve transitar entre todos os públicos. Essa habilidade de se comunicar com pessoas de diferentes origens e níveis de conhecimento é fundamental para contar histórias de forma clara e impactante. Afinal, o jornalista precisa ‘falar a língua da rua’ para entender a realidade das pessoas e, ao mesmo tempo, dominar linguagens mais técnicas, como o jargão jurídico, para aprofundar suas investigações”, destaca Abati.

Em relação à constante transformação do jornalismo e o surgimento de novas tecnologias que estão desafiando a profissão, como a inteligência artificial, ele entende que podem automatizar algumas tarefas, “mas a capacidade de fazer perguntas inteligentes e de construir relacionamentos com as pessoas continua sendo fundamental para o jornalista”. Ele considera essencial que os profissionais se adaptem ao uso das novas ferramentas para se manterem no mercado de trabalho.

O jornalista também reflete sobre o futuro dele na profissão: “Gosto muito do que faço, mas a rotina é desgastante”, confessa. Apesar disso, Lucas Abati afirma que não se vê trabalhando em outra área e finaliza reafirmando o apreço por jornalismo investigativo. “Se eu pudesse escolher, gostaria de trabalhar exclusivamente com grandes reportagens e investigações. Acho que seria muito interessante focar apenas nisso. Pautas que exigem mais apuração são desafiadoras, pois muitas vezes você sabe que algo errado está acontecendo, mas não é algo que se resolve de imediato. Você vai atrás da informação hoje, mas não consegue o resultado naquele momento. É um processo de tentativa e erro, até que, finalmente, dá certo.”

11. Lucas Wendt

Transformando Ciência em notícia: O Perfil Jornalístico de Lucas Wendt

O jornalista que encontrou no seu trabalho um modo de aproximar a sua paixão pela pesquisa

Por Laura Alexandre Correa e Yasmin Rodrigues

Natural do Vale do Taquari, Lucas George Wendt iniciou sua carreira no jornalismo local, no tradicional “O Informativo do Vale”, o jornal impresso mais antigo da região, fundado em 1969. Com 51 anos de história, “O Informativo do Vale” foi uma importante referência para a comunicação na cidade e na região, tendo encerrado suas atividades em 2021. Foi ali que Lucas deu os primeiros passos como repórter, adquirindo as bases da profissão logo após sua formatura na faculdade. Durante esse período, ele ingressou na área de produção de notícias diárias, da apuração, redação e entrega de conteúdos.

Após um período de dois anos trabalhando no jornal, Lucas Wendt iniciou seu trabalho como assessor de imprensa na Universidade do Vale do Taquari - Univates. Em sua trajetória profissional, o jornalista até então não havia pensado em se aprofundar em editorias mais específicas, mas a partir do seu trabalho na universidade conseguiu se aproximar da paixão de infância e adolescência, a Ciência, e unir com seu trabalho.

Trabalhando diariamente com pautas voltadas a projetos desenvolvidos pela Univates, Lucas se mantém como responsável principalmente pelas de caráter científico de todas as áreas da instituição, porém os temas mais voltados para a geociência são sua preferência: “Não acho que seja necessário ter tudo gravado na cabeça. O mais importante é manter o desejo de aprender e a curiosidade sobre os assuntos que nos cercam todos os dias”, respondeu o jornalista. Essa curiosidade insaciável o impulsiona a buscar informações em diversas fontes, como artigos científicos, livros e entrevistas com professores especialistas que atuam na Univates.

Um dos desafios encontrados durante a sua rotina escrevendo matérias de caráter científico é trazer a acessibilidade aos leitores. Ao receber informações muito específicas de suas fontes, o jornalista tem como função transcrever de forma acessível para as pessoas leigas nos assuntos, porém, interessadas. No jornalismo científico, essa “transcrição” torna-se mais delicada, pois é uma área que lida com nomes e processos muito específicos.

Ao entrar em contato diário e frequente com professores e pesquisadores, Lucas enfrenta momentos que o exigem mais do que quando trabalhava em um veículo de comunicação, pois, por serem temas muito específicos e densos, exigem tanto uma pesquisa mais aprofundada em sites como Google Acadêmico, como o aumento do processo de verificação minuciosa das informações que serão divulgadas, pois, elas podem interferir tanto na carreira do pesquisador do assunto, quanto principalmente no nome e reputação da marca da Univates.

Sua rotina é marcada por obstáculos únicos. Diferente da dinâmica de um veículo de comunicação tradicional, o trabalho na assessoria o coloca em contato constante com professores e pesquisadores. “É algo que exige muito mais pesquisa e atenção aos detalhes”, explica Lucas.

“É como caminhar em uma corda bamba”, compara. “Por um lado, você precisa simplificar sem distorcer. Por outro, é fundamental manter o rigor que a ciência exige.” Essa habilidade é uma das marcas de Lucas, que continuamente busca aprimorar seus conhecimentos.

Em um mundo cada vez mais complexo, a necessidade de comunicar de forma eficaz os avanços científicos é fundamental para que a sociedade possa tomar decisões mais informadas e conscientes. Por isso, o jornalista sempre buscou se aprofundar e aumentar o seu conhecimento. A partir disso, além da graduação em Jornalismo, Lucas é graduado em Biblioteconomia, Arquivologia, é Mestre em Ciência da Informação e em 2024 concluiu o seu mestrado em Museologia e Patrimônio. Assim, buscando mais conhecimento científico em diferentes áreas.

Ao longo de sua carreira, Lucas já produziu diversas matérias que tiveram grande repercussão, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Seu trabalho na Univates foi fundamental para que a instituição fosse reconhecida pela prestigiada revista *Nature*, uma das principais publicações científicas do mundo. Além disso, desempenhou um papel crucial na divulgação de pesquisas relacionadas às enchentes que afetaram a região do Vale do Taquari em 2024, dando voz a cientistas e pesquisadores da Univates que estavam na linha de frente. Através de seu trabalho, ele mostrou a importância da comunicação científica não apenas para o mundo acadêmico, mas também para a comunidade em geral, especialmente em momentos de crise.

Como um exemplo de como o jornalismo científico pode desempenhar um papel fundamental na comunidade, ajudando a traduzir e disseminar conhecimentos complexos de maneira que todos possam entender, discutir e aplicar, Lucas mantém o seu compromisso com a verdade, o rigor e a clareza. E sua paixão pela ciência e pela comunicação é evidente em tudo o que faz.

12. Fábio Alex Kuhn

“Encontro inesperado com minha essência”

Por Anderson Zenon de Bastos Barboza e Debora Luisa Longhi

Entre o cheiro de pão fresco e o barulho das fornadas, Fábio Alex Kuhn nunca imaginou que a rotina na padaria seria o prólogo de uma história escrita com palavras e reportagens. O sonho de ser jornalista? Não existia. Mas a cartilha da faculdade, com a descrição do curso de jornalismo, despertou algo nele: um interesse em transformar histórias simples em mudanças reais. E assim, quase por acaso, começou uma trajetória que hoje ele define como “um encontro inesperado com a minha essência”.

Sua jornada no jornalismo começou modestamente, com o jornal de uma vizinha, onde passou três anos aprendendo os primeiros passos da profissão. Surgiu então o convite para trabalhar na redação do jornal *A Hora*. Foram anos intensos, em que o ritmo frenético e as dinâmicas de equipe se tornaram sua verdadeira escola. “O ambiente de redação me formou como jornalista”, reflete. Em 2019, já com uma bagagem sólida, ele deu vida ao projeto *365 Vezes no Vale*. Como resultado de sua pós-graduação, essa iniciativa tornou-se o maior marco de sua carreira até então, conectando turismo e comunicação ao divulgar diariamente os destinos do Vale do Taquari para um público cada vez mais engajado.

Naquela época, o turismo ainda era um tema tímido no Vale do Taquari. A recente construção do Cristo Protetor mudou um pouco essa realidade, mas, em 2019, era o olhar curioso e atento dele que desbravava as belezas da região. Sempre gostou de explorar o que estava ao seu redor, e, com o Instagram *365 vezes no Vale*, encontrou uma motivação a mais para mergulhar de cabeça nessa jornada. Com o passar do tempo, seu olhar aguçado e suas publicações começaram a atrair atenção: convites para conhecer novos lugares surgiram, e o projeto cresceu além do que ele imaginava.

Mas essa nova etapa exigiu mais do que o amor pelo jornalismo e pela região. Sem o respaldo de uma redação, ele precisou aprender sozinho os segredos das redes sociais, da criação de conteúdo e das dinâmicas de plataformas digitais. “Foi na marra”, brinca, lembrando os erros e acertos que o ajudaram a transformar o projeto em um sucesso. Ainda assim, reconhece que essa liberdade criativa, embora desafiadora, é um reflexo de mudanças no mercado.

Apesar de valorizar a redação como sua grande escola, ele também enxerga as limitações de construir uma carreira nesse ambiente. “Hoje, o diploma deixou de ser obrigatório, e isso enfraqueceu muito as redações”, avalia. Por outro lado, acredita que esse cenário deu mais autonomia aos jornalistas para empreenderem seus próprios projetos, como ele fez. No fim das contas, foi fora das redações que ele encontrou uma forma de unir paixão e propósito, mostrando que o jornalismo pode se reinventar, mesmo em tempos de incerteza.

Apesar do sucesso do projeto, ele evita se ver como um influencer. “O personagem principal da página deve ser o Vale do Taquari, não eu”, afirma com convicção. Porém, admite que, em certos momentos, é inevitável aparecer nas câmeras, dependendo do tipo de conteúdo a ser produzido. Ele encara isso como parte do processo, mas sempre se esforça para manter o foco nas histórias e paisagens que quer compartilhar.

Quando questionado sobre alguma frustração na carreira, a resposta veio sem hesitação: a ausência de prêmios. Apesar das conquistas e do impacto que já gerou com suas iniciativas, ele afirma que o reconhecimento formal do mercado ainda é algo que gostaria de alcançar. “Não que isso defina meu trabalho, mas seria bom ver esse esforço refletido dessa forma”, pondera, sem perder o entusiasmo por tudo que já construiu.

As enchentes que devastaram o Vale do Taquari em maio de 2024 também impactaram diretamente seu trabalho. “Não havia condições nem clima para falar de turismo em meio a tanta destruição”, relembra. Durante esse período, o projeto ficou praticamente parado. Mas, em meio à pausa, ele encontrou uma nova habilidade: aprendeu a pilotar drones, algo que hoje se tornou essencial para a produção de imagens que capturam as belezas da região de uma perspectiva única.

O jornalista descreve sua rotina como “intensa”. Segundo ele, são oito horas dedicadas ao trabalho diariamente, além dos fins de semana, geralmente reservados para visitar pontos turísticos e captar imagens. O acúmulo de funções é parte do dia a dia: jornalista, produtor de conteúdo, gerente comercial... Nem sempre foi fácil se adaptar a todas elas, especialmente à tarefa de “vender a si mesmo”. Mas, depois de muitos aprendizados, ele reconhece que a venda é uma peça fundamental do negócio. “Entendi que não tem nada de errado em buscar rentabilidade no projeto que eu mesmo criei”, reflete, com o olhar de quem equilibra paixão e profissionalismo.

Sobre o futuro do turismo na região após as enchentes, Fábio pondera: “A questão do novo normal, se vai ser um novo normal mesmo, se a gente vai ter uma enchente grandiosa nos próximos anos ou daqui a 50 anos. Mas eu acredito que se as condições climáticas foram favoráveis, o turismo no Vale do Taquari vai ser uma das grandes fontes de renda no

futuro.” Fábio é um retrato do jornalismo contemporâneo, que tem que encarar as mudanças ocorridas na profissão nos últimos anos, através de sua versatilidade desempenha o papel de empreendedor, gerente comercial, fotógrafo, publicitário, entre outros. Mas sem perder o seu foco principal, que é o jornalismo, que ele exerce com maestria, através de pilares fundamentais, que são foco, ética e profissionalismo.

13. Cícero Copello

“Se eu puder botar o dedo em uma ferida, eu boto mesmo”

Por Anderson Zenon de Bastos Barboza e Debora Luisa Longhi

Entre a confusão de uma sala de aula cheia de jovens curiosos, Cícero Copello, um homem de presença tranquila, cruzou o ambiente. Vestindo uma jaqueta verde militar e com um corte de cabelo bem alinhado, ele tomava seu lugar na roda de conversa que estava prestes a começar. Os alunos estavam ansiosos para ouvir a trajetória do jornalista policial, conhecido tanto por sua precisão quanto pela firmeza ao lidar com situações perigosas. Ao dar início à sua fala, Cícero já deixava clara a sua postura diante da profissão: “Se tu me perguntar se eu tenho medo de morrer, eu não tenho medo de morrer. Eu tenho medo de sofrer para morrer.”

A frase pairou no ar como uma sombra, intensificando a curiosidade dos alunos e deixando transparecer os riscos que envolvem o trabalho de um jornalista de polícia. Na sua voz calma, quase suave, ele compartilhou episódios que soavam mais como cenas de um filme.

Quando jovem, Cícero não imaginava que seria jornalista. O sonho de seu pai era que ele se tornasse médico, mas a vida lhe apresentou outros planos. Depois de quase conquistar a vaga no curso desejado, acabou conhecendo a Escola de Comunicação e se viu atraído pelo jornalismo. Com o tempo, a afinidade pela televisão surgiu naturalmente, e ele começou a fazer seu nome em emissoras locais, como a TV Pampa e a RBS, tornando-se um rosto conhecido nas notícias da região.

Logo, passou a se especializar em editoria de polícia, uma área que mistura investigação, pressão e adrenalina constantes. “A primeira dúvida foi: qual seria o horário? Eu também sou proprietário de uma academia de artes marciais,” comentou, revelando outra faceta de sua vida. Desde jovem, ele praticava judô e, mais tarde, passou a competir e a dar aulas de Muay Thai. A disciplina que aprendeu nos tatames moldou sua personalidade e também seu modo de trabalhar: a energia que aplicava na luta era a mesma que levava para o jornalismo.

A vida na editoria de polícia, no entanto, não é isenta de riscos. Uma vez, enquanto cobria uma ocorrência de alta tensão, recebeu uma ameaça vinda diretamente do presídio. “Me avisaram que eu estava irritando o pessoal do Comando (Comando Vermelho),” contou com uma serenidade que contradiz a gravidade do relato. Mesmo assim, ele não recua, mas reconhece o temor pelas pessoas que ama. “Eu fico tranquilo com o que falam de mim, mas tenho medo pelo bem-estar da minha família, dos meus amigos.”

No entanto, a presença de um profundo senso de responsabilidade guia suas ações. Em momentos tensos, como quando precisou confrontar figuras públicas sobre denúncias de irregularidades, ele se manteve firme. “As regras são claras. Se a lei de trânsito não permite tal coisa, então tu não pode fazer”, afirmou, deixando evidente seu compromisso.

Sua vida é uma mistura de contrastes: da adrenalina das operações policiais à calma da voz na rádio, dos golpes precisos no tatame ao cuidado com a família. O tempo na academia, onde a técnica e o autocontrole são essenciais, reflete a filosofia de vida que ele carrega. “A disciplina que eu tenho no trabalho, no meu dia a dia, vem completamente do judô. A arte marcial faz diferença na vida das pessoas,” diz ele, como se estivesse compartilhando uma lição aprendida e testada ao longo dos anos.

E, ainda assim, apesar de tantas conquistas e experiências, Cícero revela um traço de vulnerabilidade. “Não consigo me assistir. Sempre que vejo, acho que ficou ruim, sou muito crítico com o meu desempenho.” Essa autocrítica o impede de assistir às próprias reportagens, mas não interfere na precisão com que ele constrói seu conteúdo, uma habilidade que diz ter desenvolvido nos tempos de RBS, onde aprendeu a editar reportagens com agilidade. “Já editei matérias em dez, oito minutos, de um bloco para outro. Era punk.”

Ao longo da conversa, o homem que adentrou a sala como uma figura sólida e experiente revelava-se alguém que, apesar de toda a coragem, ainda valoriza o vínculo familiar; o apego às suas raízes e o compromisso com aqueles que ama. “Já recusei oportunidades por causa da minha família. Vi a minha chance indo embora, mas optei por ficar. Sou muito apegado à minha mãe, meus irmãos. Eu transmito isso para o meu filho.”

Ao encerrar, Cícero não parecia apenas um jornalista ou um lutador, mas alguém que, apesar das adversidades e da constante ameaça de perigo, escolheu a coragem e a justiça como guias. Em um universo onde as notícias podem ser descartáveis, ele constrói uma carreira que não depende apenas de manchetes, mas de um propósito: o de levar a verdade a quem precisa.

14. Lidiane Mallmann

Uma jornada do jornalismo local ao reconhecimento internacional

De Lajeado até a Espanha, fotojornalista do Vale retrata histórias e cenários plurais

Por Camila Merlo

A trajetória de Lidiane Mallmann é marcada por coragem, inquietude e determinação. Formada em Jornalismo em 2005 pela Unisc, a lajeadense rapidamente se destacou na profissão, trilhando um caminho que a levou do fotojornalismo local ao reconhecimento internacional.

Após a formatura, Lidiane iniciou sua carreira como fotojornalista na Zero Hora, conquistando espaço logo de início. Sua segunda matéria já estampou a capa do jornal. Apesar de atribuir parte desse sucesso à sorte, sua dedicação e esforço foram os verdadeiros motores. “Eu nunca fiquei parada. Sou muito inquieta e, na nossa profissão, isso é essencial. As tecnologias mudam o tempo todo, e a gente precisa estudar continuamente”, reflete.

No início, enfrentou desafios próprios de quem está começando. “A cobrança era intensa, e muitas vezes eu só dizia ‘sim, com certeza’ enquanto me virava para entregar o melhor material possível”, relembra com humor. Após um ano e meio na Zero Hora, Lidiane migrou para o jornal O Informativo, de Lajeado, onde teve a oportunidade de explorar diversas editorias, como esporte, moda, polícia e cultura.

A Especialização que Mudou Tudo

Com a inquietação de quem busca sempre mais, Lidiane sentiu a necessidade de se especializar. Ao procurar opções de pós-graduação em fotojornalismo, encontrou um curso na Universidade Autônoma de Barcelona, que acabou sendo um divisor de águas em sua vida. “Estudar na Espanha foi a melhor experiência da minha vida. Lá, aprendi com mestres que cobriram guerras e situações extremas, além de descobrir o valor de nichos específicos na fotografia”, compartilha.

Para realizar esse sonho, a jornalista começou a estudar espanhol e a trabalhar em várias frentes. Além de atuar no O Informativo, fazia assessoria de imprensa e eventos. “Eu sempre fiz de tudo e nunca me acomodei. É algo que recomendo a todos: diversificar”, frisa.

Desafios e Ética no Fotojornalismo

A profissional também enfrentou pautas desafiadoras no Brasil e no exterior. Durante as coberturas policiais, precisou lidar com situações extremas, como tiroteios e confrontos. “Estar na rua com uma câmera exige pensar rápido. A gente desenvolve um instinto de sobrevivência”, explica.

Apesar da intensidade, Lidianie sempre manteve o foco na ética. “Quando estava em coberturas difíceis, pensava: ‘E se fosse a minha família? Como eu gostaria que isso fosse tratado?’ Essa sensibilidade é fundamental”, compartilha. Esse cuidado também marcou suas escolhas, como recusar fotos que poderiam ferir emocionalmente as pessoas envolvidas.

Adaptação e Inovação no Jornalismo Digital

Com a chegada das redes sociais, Lidianie precisou se adaptar rapidamente às mudanças. “Foi como trocar o pneu com o carro andando. Precisávamos aprender a usar o Instagram, o site do jornal, e tudo isso sem treinamento prévio. Mas o respeito ao ser humano é algo que nunca pode faltar, independentemente da plataforma.” Além disso, Lidianie destacou o valor da colaboração no jornalismo. “Trabalhar em equipe é essencial. O ego não nos leva a lugar nenhum. Entender o todo e reconhecer a importância de cada peça no processo é o que faz um trabalho ser bem-sucedido”, ressalta.

A Paixão pelo Local e o Valor da Comunidade

Embora tenha vivido experiências internacionais, Lidianie guarda um carinho especial pelas pautas comunitárias. “Trabalhar no interior tem algo único. Entrar na casa das pessoas, ser recebido com bolo, conhecer histórias genuínas. Esse contato humano é o que dá sentido ao jornalismo”, diz. Ela lembra com saudades de iniciativas sociais que cobriu, como campanhas de arrecadação e matérias sobre comunidades carentes. “O jornalismo local tem um valor imenso. É nele que encontramos as histórias que realmente conectam as pessoas”, afirma.

Novos Caminhos em Barcelona

Atualmente, Lidianie reside em Barcelona, onde explora outras facetas da fotografia, como ensaios de família e casais. Apesar disso, ela não descarta voltar ao fotojornalismo em algum momento. “Eu amo o fotojornalismo, mas, depois de tantas experiências intensas, estou em um momento de respirar, me curar e explorar outros nichos”, responde.

Legado e Inspiração

Ao longo de quase duas décadas de carreira, Lidiane construiu um legado de determinação, ética e paixão pela profissão. Sua trajetória mostra que o sucesso é resultado de esforço contínuo, coragem para sair da zona de conforto e, acima de tudo, respeito pelas pessoas e suas histórias. “Não dá para esperar as coisas acontecerem. É preciso ter cara de pau, correr atrás e, acima de tudo, não se acomodar. Essa inquietude é o que me move até hoje”, conclui.



UNIVATES

Av. Avelino Tallini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95914-014 | Cx. Postal 155 | Fone: 51 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09